Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Na trilha de Caetano

No fim da década de 1960, me mudei de Brasília para São Paulo, pois meu pai era pastor presbiteriano e, a cada quatro anos, cumpria missão evangélica em uma cidade diferente. Certo dia, ouvi uma canção estranha no rádio, que caiu em minha cabeça como um disco voador, um objeto não identificado. Era *Tropicália*, de Caetano Veloso.

Eu estava acostumado com canções que contam uma história com começo, meio e fim. A narrativa de Caetano se estilhaçava, fazia uma colagem absurda, misturava cinturão com abacate, como diria o poeta Zé Limeira. Senti-me como se ouvisse uma língua desconhecida e, mas, estranhamente familiar.

No entanto, de repente, tive uma intuição e lembrei que, em Brasília, meu pai me levava para os desfiles militares na Esplanada dos Ministérios, no meio do descampado, sob as nuvens de poeira, com caminhões do Exército na terra vermelha e aviões da Aeronáutica riscando o céu em malabarismos.

Claro que a canção não era apenas sobre Brasília, mas Brasília era uma senha que me permitiu entrar no claro enigma de *Tropicália*: "Sob a cabeça os aviões/Sobre meus pés os caminhões/Aponta contra os chapadões/Meu nariz/Eu organizo o movimento/Eu oriento o carnaval/Eu inauguro o monumento no Planalto Central do país".

Tropicália se desdobra como o desfile alegórico de uma escola de samba na Sapucaí. Só que é um samba-exaltação minado de ironia trágica e de nonsense. A utopia-Brasília não escapa da realidade do Brasil: "O monumento não tem porta/A entrada é uma rua estreita e torta/E no joelho uma criança/Sorridente feia e morta estende a mão".

Eu tinha 14 anos, mas Caetano continuou a compor canções inspiradas e a fazer a trilha sonora da minha vida. Se tivesse colocado música em meu casamento seria com *Terra*, que Juçara e eu colocávamos na então vitrola até furar o disco quando começamos a namorar. Ela é capricorniana, signo da terra, e achava que a música havia sido feita para ela: "Eu estou apaixonado por uma menina terra/Terra para os pés firmeza/Terra para a mão carícia/Outros astros lhe são guia..."

Diferentemente do que se possa imaginar, Caetano não usa nenhum aditivo químico e chega a ser chamado pelos amigos de Caretano. E, realmente, não precisa. Caetano é lisérgico pela própria natureza. Compõe melodias celestiais e escreve letras com e qualidade para emparelhar com os grandes poetas da língua portuguesa. Ele é o falso preguiçoso, reserva o trabalho, o empenho, o esmero e a perfeição para a sua arte: "Choque entre o azul e a luz das acácias/Brilho de acácias/Você é mãe do sol".

Certa vez, entrevistei Luiz Melodia na redação do **Correio**. Perguntei se a fragmentação das letras das canções dele era influência do movimento tropicalista. Ele se sentiu humilhado e ofendido e disse que não tinha nada a ver. Achei a resposta tão infantil, pueril e tola que não me animei sequer a replicar e me desinteressei completamente pela música dele. Como era muito opiniúdo, nunca quis entrevistar Caetano Veloso, com medo de estragar uma das trilhas sonoras de minha vida. Não sou tiete, sou um admirador férvido, mas crítico.

Caetano faz hoje 80 anos, vamos reverenciá-lo, pois, como disse Cartola, quem gosta de homenagem depois de morto é estátua. É um privilégio sermos contemporâneos de um artista tão genial quanto Caetano Veloso. Nos tempos em que alguns tanto nos envergonham, Caetano nos faz sentir orgulho de sermos brasileiros.

INFRAESTRUTURA / Criado como uma condição para a derrubada de árvores do cerrado, o Parque Ecológico do Setor Noroeste está longe de ser concluído. Algumas obras que já foram entregues oferecem riscos aos moradores

Burle Marx a conta-gotas

» ARTHUR DE SOUZA

Fotos: Carlos Vieira/CB

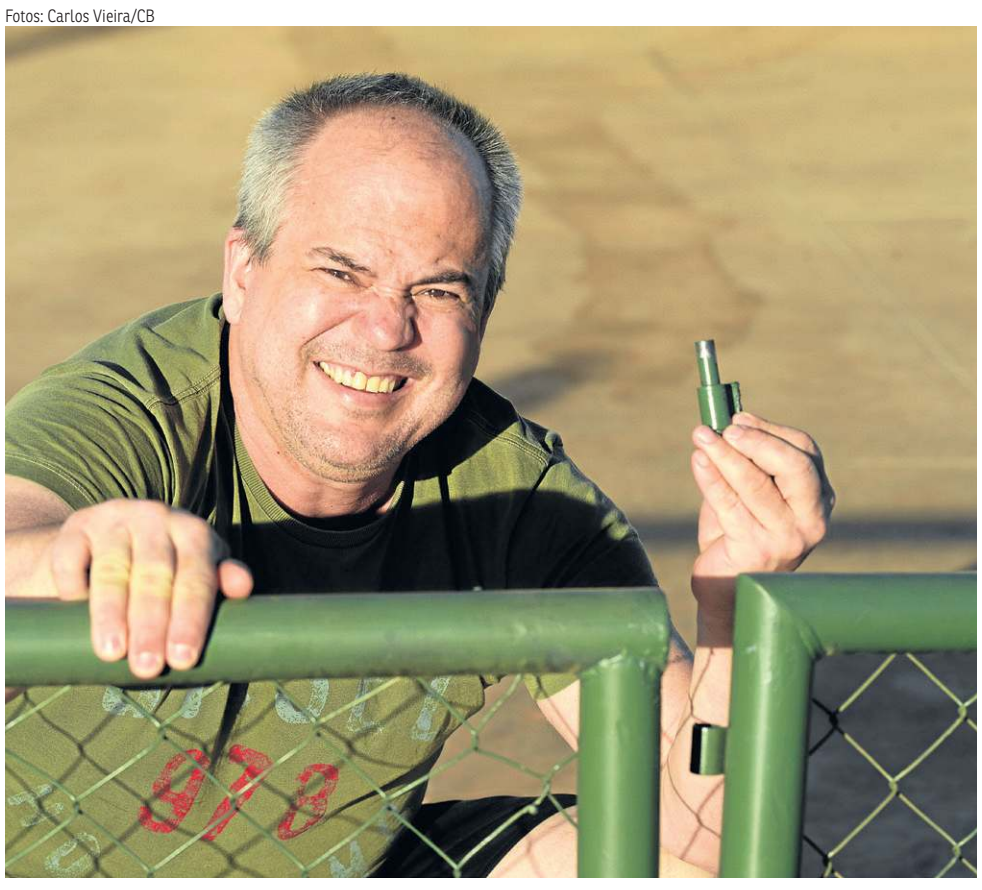
Quase uma década e meia após ser colocado no papel, o Parque Burle Marx — no Noroeste — ainda vai demorar para ser uma realidade. Criado como uma compensação pela derrubada de árvores do cerrado, o local está longe de estar totalmente disponível para a população de Brasília. O atraso acontece desde a idealização do parque, conforme explica o professor de urbanismo e planejamento urbano da Universidade de Brasília (UnB), Benny Schvasberg. "O Plano de Manejo foi elaborado em 2008. Cerca de 10 anos depois, a Terracap contratou equipe multidisciplinar para a revisão do plano, definindo o zoneamento, as atividades permitidas e não permitidas, além de diretrizes, programas e ações que o viabilizaram", afirma.

Foi uma longa espera, até que o plano finalmente começasse a ser executado. A ordem de serviço, que marcou o início das obras da primeira etapa de intervenções no parque, foi assinada pelo governador Ibaneis Rocha (MDB) em 29 de julho de 2021. Naquele momento, a expectativa do Governo do Distrito Federal (GDF) era de que a infraestrutura, com diversos equipamentos de lazer para a população, fosse entregue até dezembro do mesmo ano. No entanto, ela só foi entregue quase um ano depois, em 1º de julho de 2022.

O GDF entregou, na primeira etapa, uma portaria, banheiros e uma infraestrutura planejada para a prática de esportes e lazer gratuitos. A Ilha Oeste tem uma quadra poliesportiva, duas quadras de areia para a prática de vôlei, futevôlei e beach tennis, duas quadras de tênis e um campo de futebol. Dois parquinhos infantis também foram construídos, além de um ponto de encontro comunitário (PEC), um bicicletário, bancos e pergolados para o descanso dos frequentadores. Também já foram concluídos o cercamento e a ciclovia na W7.

O plano é entregar a segunda ilha, virada para a Asa Norte, ainda neste mês e, no próximo ano, construir a terceira ilha de infraestrutura. O governo local não indicou datas e destacou que está em fase de licitação a complementação da ciclovia, assim como da pista que envolve o parque, no lado da Asa Norte. "O local passou por anos de degradação e requer uma grande intervenção para recuperação ambiental. Por isso, está sendo viabilizada a contratação de serviço de recuperação por meio de um PRAD (Plano de Recuperação de Áreas Degradadas). A previsão de entrega total é até 2024", ressalta nota do GDF.

Com construções de alto padrão, os imóveis do Setor Noroeste foram vendidos com o conceito de integrar um bairro ecológico. Para Benny, a demora na conclusão do parque faz com que, tanto o Noroeste quanto o Distrito Federal fiquem incompletos. "Torna-se um bairro inacabado do ponto de vista ambiental e de equipamentos urbanos coletivos de lazer, entretenimento esportivo e cultural", destaca. "Também empobrece a paisagem urbana de toda a cidade, especialmente da Asa Norte", complementa o especialista.



O auditor fiscal Marcello Lara, que mora no Noroeste, mostra o portão quebrado

Apenas uma parte do parque está disponível para os moradores

Flávia e a filha Ana Clara apontam restos de tábuas na quadra de beach tennis

Tábua solta com pregos virados para cima oferecem perigo para a comunidade

Plano de Manejo

Documento técnico que, a partir dos objetivos definidos no ato de criação de uma Unidade de Conservação (UC), estabelece o zoneamento e as normas que norteiam o seu uso. O documento inclui aspectos como uso da área, manuseio dos recursos naturais e implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade. Toda UC deve ter um plano de manejo, elaborado em função de sua categoria e objetivos.

Fonte: Ibram

Perigo iminente

Quem sabe bem como é ficar esperando pela inauguração da infraestrutura, é a servidora pública Flávia Hass, 45 anos. Moradora da quadra 107 há sete anos, ela afirma que nunca teve uma opção de lazer próximo ao local onde reside. Apesar de estar feliz pela abertura do parque, Flávia comenta ser perceptível que o parque foi inaugurado às pressas, por uma questão eleitoreira. "Tanto que a gente ainda consegue observar alguns restos de obra na quadra de beach tennis", aponta. "Lá, tem uma tábua que está com os pregos virados para cima. Isso é perigoso para uma criança, que gosta de brincar na areia, pois ela pode acabar se machucando feio", alerta a moradora.

Flávia ressalta que o parque era uma obra prometida há muito tempo. Desbravando algumas trilhas que existem no local, junto ao seu namorado, ela percebe que ainda está inacabado. "Não tem quase nada. A ideia, por si, é boa, mas precisa terminar", frisa a moradora da 107, que também reclama da falta de iluminação no local. "Não existe, o que é perigoso. Não tenho como mandar minha filha para cá, sozinha, em um horário mais perto de escurecer", observa.

Medo do abandono

O auditor fiscal e morador da quadra 310 Marcello Lara, 51, também destaca a falta de luz artificial. "Isso chama bastante atenção e incomoda. A maioria das pessoas trabalham durante o dia, por isso elas podem usar somente durante o fim de semana", comenta. Ele afirma que ficou impressionado, positivamente, com os equipamentos instalados, contudo, considera que existem dois pontos que precisam melhorar. "Não existe um estacionamento próprio para o parque. Isso é ruim para quem mora aqui. Não moro perto e costumo vir de carro. Como não tem, acabo tendo que procurar vaga nas quadras", detalha.

A outra questão citada por Marcello é sobre a manutenção do espaço. "A gente sempre vê isso, o poder público inaugura, mas depois de um tempo abandona, não cuida, e fica sem utilidade", pondera. "Aqui mesmo, que é um espaço novo, já tem um portão quebrado", aponta o auditor fiscal. Em relação aos questionamentos, o GDF informou que o Instituto Brasília Ambiental (Ibram) monitora e realiza manutenção em todas as unidades de conservação de forma periódica, incluindo o Parque Burle Marx.